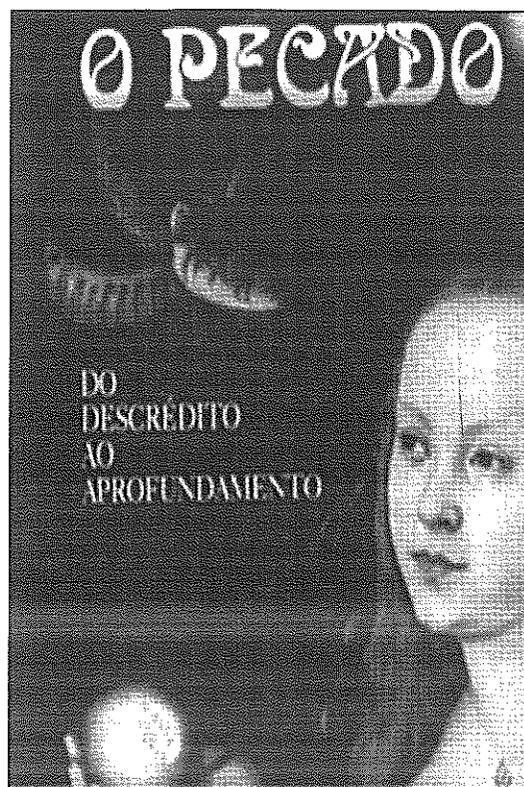


MAIS UMA NOVIDADE DA EDITORA VOZES



Você quer saber algo sobre o mistério do mal? Pecado original? Qual a idéia do pecado na tradição bíblica e patrística? Que controvérsias surgiram nos últimos 50 anos quanto ao assunto? Confronte estas perguntas com seus questionamentos pessoais e encontre a resposta neste livro, que retoma a questão do pecado a partir do enfoque histórico-teológico, iluminando a espinhosa problemática do pecado sócio-estrutural e de suas decorrências teológico-pastorais.

Autor: Frei Antonio Moser - Professor do Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis e autor consagrado de diversos livros, dentre os quais destacamos **TEOLOGIA MORAL: IMPASSES E ALTERNATIVAS**.

Assunto: Teologia
Páginas 352
Preço: R\$ 18,00
Código: 85.326.1624-0

3000 ANOS DE JERUSALÉM: UMA VISÃO JUDAICA

Rabino Alejandro Lilienthal

É um privilégio para mim poder mais uma vez partilhar alguns pensamentos com os participantes da VI Assembléia Anual da Comissão Nacional do Diálogo Católico Judaico. Anos atrás em São Paulo coube a mim o desafio de responder a uma apresentação do hoje Cardeal Edward Cassidy quando celebramos os 25 anos da declaração conciliar *Nostra Aetate*.

Agradeço o convite dos colegas do Rio de Janeiro para compor esta mesa, e respiro aliviado, porque esta vez trata-se de uma incumbência menos rigorosa, se bem que não menos difícil. Porque não é simples falar do amor.

Ao falarmos de Jerusalém temos que falar com palavras suaves, bem escolhidas, bem concatenadas, como quem fala da mulher dos seus sonhos, da pessoa com a qual deseja-se partilhar o resto da vida.

Jerusalém é sem dúvida muito especial. Foi em Jerusalém, durante o início dos meus estudos rabínicos, que fui convidado a ser testemunha de um casamento celebrado na Igreja Dominus Fleuit, no monte das Oliveiras. Momento inesquecível assim como aquele entardecer de sábado quando eu

percorria a parte superior das instalações do mosteiro etíope perto da Igreja do Santo Sepulcro. De repente me sacudiu um enorme tremor interior. Pelos alto-falantes ouvia-se a voz do Muedzin convocando os fiéis islâmicos para a mesquita. Eu o ouvi nessa área eminentemente cristã da cidade.

Automaticamente translatei meus pensamentos para o Kotel Hamaaravi, o Muro das Lamentações, e assim aconteceu dentro de mim a intersecção das diversas tradições religiosas que têm em Jerusalém um dos seus endereços fundamentais.

Por este e tantos outros motivos, falar de Jerusalém é uma tarefa comovente, que nos estimula a usar nossas mais belas metáforas, e nos pede para deixar sair nossos sentimentos mais sublimes.

Por este motivo e tantos outros, fazemos nossas as conhecidas palavras do salmista;

*Se eu me esquecer de ti, Jerusalém, que me seque a mão direita!*¹

Mas talvez, para a finalidade que nos congrega hoje aqui, devemos concentrar nossa atenção primeiramente num ditado bem mais popular e bem mais simples:

1. Salmo 137:5.

A Jerusalém nunca se vai, sempre se retorna.

E deveríamos completar esta frase dizendo que para nós judeus, de alguma forma, de Jerusalém nunca saímos. Jerusalém faz parte de nossa realidade, e quando temos a felicidade de poder visitar a cidade, então nossa realidade toma consistência, e de repente as estruturas confinadas a nossa mente, passam a ser tocadas pelas nossas mãos.

Jerusalém é significativa para nós, porque foi nela que, para usar a imagem bíblica, Deus decidiu fazer residir seu Nome². A partir de uma visão teológica liberal poderíamos reformular isto, dizendo que em Jerusalém Deus foi encontrado e vivenciado com particular intensidade.

Era em Jerusalém que estava o centro do ritual religioso judaico, e foi Jerusalém a cidade que em épocas de exílio, apesar de destruída, se constitui no símbolo do desejo de retorno.

Mas, como esse retorno haveria de demorar, os mestres judaicos desenvolveram um território portátil chamado Tora. E a capital deste território espiritual no qual os judeus existiram por séculos, foi Jerusalém.

De certa forma continuou-se morando em Jerusalém, e continuaram sendo recriados diversos aspectos da vida cotidiana do Templo.

Se alguém está fora da Palestina, deve mentalmente se tornar na direção de Eretz Israel... Se está em Eretz Israel deve se tornar na direção de Jerusalém... Se está em Jerusalém deve se tornar mentalmente na direção do Santuário... Se está no Santuário, deve se tornar mentalmente na direção do Sancta Santorum... Consequentemente, se está no leste, deve tornar sua cara na direção oeste, se está no oeste deve tornar sua cara na direção leste... Desta forma todo Israel estará tornando seus corações em direção a um mesmo lugar³.

Este texto talmúdico está relacionado com o direcionamento físico que o judeu que reza deve ter na hora de proferir suas orações. Ele continua em pé quase que ainda nas dependências do Templo, com seus olhos dirigidos ao centro do centro mesmo da cidade de Jerusalém. Aliás, em muitos lares judaicos, um pequeno quadro pendurado na parede apropriada indicará a direção certa para rezar caso as orações sejam feitas em casa.

E se isto não for suficiente, em diversas oportunidades durante o ano, no andamento da liturgia revivem-se, como já dissemos, aspectos do ritual que antigamente era desenvolvido no Templo. O exemplo mais impactante, é durante a oração de Mussaf no Dia do Perdão, Iom Kippur, quando revive-

mos o processo de confissão dos pecados, que liderado pelo Grande Sacerdote acontecia no dia mais sagrado do ano em Jerusalém.

Ao mesmo tempo em que se mantinham certos aspectos do antigo drama ritual, os mestres começaram a construir nas suas mentes retratos de Jerusalém que devido a falta de fotografias eles eternizaram nas páginas dos textos religiosos:

Dez parcelas de beleza desceram para o mundo. Nove foram para Jerusalém, uma foi para o rosto do mundo⁴.

Outras qualidades estavam igualmente localizados em Jerusalém, uma delas era a Tora. O conhecimento da palavra de Deus estava como que mais “concentrado” em Ierushalayim.

Possivelmente isto combine com o fato de que na sinagoga, quando se desenvolve o ritual prévio a leitura pública da Tora entoa-se o versículo de Isaías que diz:

De Sião saíra a Tora, e a palavra de Adonai de Jerusalém⁵.

Rezamos na direção da cidade santa, e estudamos os ensinamentos divinos proclamando que sua origem é também de lá. Deve ser por isto que hoje proliferam em Jerusalém as yeshivot, tradicionais academias de estudos religiosos, as-

sim como dependências de outras instituições judaicas de orientação mais liberal.

Assim vai se conformando a Jerusalém que nunca saiu da mente dos judeus, e da qual os judeus nunca saíram. A tarefa “urbanística”, se é que assim se pode falar, foi justamente uma tarefa apaixonada. Segundo nossas fontes:

Disse Rabbi Iehuda: As madeiras de Jerusalém eram aromáticas, e na hora em que eram ace-sas, o seu cheiro se estendia por toda terra de Israel⁶.

Essa capacidade de Jerusalém se expandir não era limitada exclusivamente ao cheiro das suas madeiras. Jerusalém não podia ser limitada na sua largura e no seu comprimento. Assim pelo menos decorre de um comentário que teria sido feito pelos anjos a Deus⁷. Afinal, como poderia se limitar fisicamente a cidade na qual reside o Nome de Deus?

Mas, qual objetivo último de todo este processo? A meta final é o reencontro entre os judeus e Deus, reencontro pleno e completo.

Para isto acontecer, a liturgia tradicional pede pelo retorno de Deus a sua morada:

2. Ver por exemplo Deut.12:5.
3. T.B. Berachot 30a.

4. T.B. Kidushin 49b.

5. Isaías 2:3.

6. T. B. Shabat 63a.

7. T. B. Baba Batra 75b.

E a Jerusalém, Tua cidade, retorna com misericórdia, e pousa nela Tua glória...⁸.

Livros de rezas com formulações alternativas pedem para Deus dedicar sua atenção a sua cidade:

E te volta em compaixão a Jerusalém Tua cidade. Que reine paz nos seus portões, e calma nos corações dos seus habitantes...⁹.

Qualquer que seja a formulação litúrgica que escolhermos, uma vez que Deus decide se tornar acessível na sua cidade, partimos ao seu encontro. Deixamos a Jerusalém real da mente e do coração para entrar na Jerusalém real que pode ser tocada com as mãos, que pode ser sentida nas plantas dos nossos pés quando percorremos aquela beleza ao mesmo tempo estranha e especial.

Por causa de toda esta emocionalidade reunida através dos séculos, é que a possibilidade de retorno físico a totalidade de Jerusalém significou a abertura da possibilidade de finalmente concretizarmos essa transição que nossos corações e mentes estavam almejando há tanto tempo.

Jerusalém de ouro, de cobre e de luz.

Para todos os teus cantos eu serei teu violino!¹⁰.

Assim se canta desde 1967, quando novamente pudemos subir ao Monte das Oliveiras para nos deliciar com a vista fantástica de uma cidade única, e para podermos ir ao encontro do mais profundo que ela tem para nos brindar. Em termos seculares, poderíamos aproveitar as palavras de uma poetisa israelense contemporânea. Comparando as luzes de Tel Aviv com as luzes de Jerusalém, Aviva Sarna-Segal escreveu:

Mas, as luzes de Jerusalém, guiam-me em calma, para dentro dos braços de mãe que diz: chegaste filha, descanse, descanse em nosso abrigo!¹¹.

E justamente, podemos descansar. Nosso sonho tem se concretizado. Nossa transição aconteceu, e nosso reencontro pleno com Deus tem perspectivas de eternidade.

Rabino Alejandro Lilienthal é da Associação Religiosa Israelita - RJ e Assessor Religioso para a Fraternidade Judaica Cristã - RJ

8. Amida de Shacharit. Bracha No 14. Tradução de Jairo Fridlin.

9. Amida de Schacharit no Gates of Prayer, livro de rezas do Movimento Reformista Americano. Pag. 42.

10. Do leit motiv da canção Jerusalém de Ouro.

11. Aviva Sarna Segal: Rezas em Lilac, pg. 19.

JERUSALÉM - ALEGORIA E SÍMBOLO

Dom Sidney A. Ruiz

"Se eu de ti me esquecer, ó Jerusalém, que se resseque a minha mão direita. Apegue-se a minha língua ao paladar, se me não me lembrar de ti, se não preferir eu Jerusalém à minha maior alegria; Cidade de Deus, Santuário das Moradas do Altíssimo. Deus está no meio dela." (Salmo 137, 5-6 e 46, 4, 5a).

JERUSALÉM ALEGORIA

Alegoria (PDBLP) - Exposição de um pensamento sob forma figurada; Metáfora que significa uma coisa nas palavras e outra no sentido (Caldas Aulete); O tratamento de uma antiga tradição (geralmente em forma de narrativa), pela qual se ignora o seu significado literal e se descobrem novos e ocultos significados em cada termo da tradição. (Interpreter's Dictionary of the Bible, Vol. I, p. 82) o termo só aparece uma só única vez na Bíblia - Novo Testamento - Gálatas 4.24 - "alegorên".

As Sagradas Escrituras têm dado às interpretações alegóricas, principalmente em épocas de guerras, sofrimentos, tragédias sociais e na Dispersão - DIÁSPORA.

Linguagem profética - alegoria

(1) JOEL: praga de gafanhotos, seca, o Dia do Senhor será de assolação, onde Ele vai passando vai deixando terra arrasada; as estrelas

se apagam, o sol e a lua escurecem; segue-se um apelo ao arrependimento, com choro, jejum e oração - e aí a atitude de Deus é oposta: vai mandar cereais, vinho, e óleo; o povo vai comer à vontade; Deus vai derramar o seu Espírito sobre o povo; vai fazer prodígios no céu e na terra; vai punir os inimigos do Seu povo, vai julgar todas as nações no Vale de Josefá, e Jerusalém será a morada de Deus para sempre.

(2) ISAÍAS: No Apocalipse de Isaías (caps. 24-27), Deus começa ameaçando a terra com tragédia e devastação; o sol e a lua vão se envergonhar diante do Senhor, quando Ele reinar no Monte Sião e a Sua glória resplandecer. Segue-se uma DOXOLOGIA, isto é, um hino de glorificação a Deus (25,1-5). O Senhor vai dar um banquete a todos os povos, vai abolir a morte para sempre e acabar com todas as lágrimas e sofrimentos; todos cantarão uma nova canção (26, 1-6). Segue-se um salmo (26, 7 a